

POPULAÇÕES TRADICIONAIS E AS VITRINES DA MODERNIDADE NO PERCURSO DO DESENVOLVIMENTO NA AMAZÔNIA

Benedita Nascimento

RESUMO: O presente artigo apresenta um ensaio sobre a lógica que opera o contexto das relações entre as Populações Tradicionais e as questões inerentes ao desenvolvimento, fazendo um recorte pelos conceitos de desenvolvimento sustentável e modernidade, compondo um diálogo sobre os impactos e os dilemas das contradições que marcam a veia do progresso e os rumos da Amazônia na dimensão da sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento, Desenvolvimento Sustentável, Modernidade, Populações Tradicionais.

ABSTRACT: The present article introduces an essay about the logic that controls the context of terms between the Traditional Populations and the development's questions, passing by concepts of supportable development and modernity, writing a dialog about the impacts and the dilemma of contradictions that mark the progress and the ways of amazon in the size of supportability.

KEYWORD: Development, Supportable Development, Modernity, Traditional Populations

Nossas inquietações são tantas quando tratamos de culturas, populações tradicionais, florestas, recursos naturais, desenvolvimento, sustentabilidade, modernidade e globalização..., que o exercício do diálogo entre o conhecimento teórico e as experiências de vida se recolhem para além das nossas visões de mundo. Deixando-nos perecer por alguns momentos, sob uma enorme fadiga entre a razão e a sensibilidade.

Perguntamo-nos, se acaso fossemos montar um jogo de desafios entre os pares - as terminologias -, por onde começaríamos, quais dessas palavras eliminaríamos, por onde as relacionaríamos umas quais outras, ou as deixaríamos inertes ao seu fluxo convencional definido pelo movimento do tempo e do espaço, e porque não dizer da história ou simplesmente analisá-las sob a luz da leitura representada pela semiótica?

Ao depararmos com tais inquietações, surgem mais e mais questionamentos, e cada vez que as reflexões são atraídas pelo universo da razão, navegando tanto pela subjetividade, quanto pelo imaginário filosófico e científico, mais conflitante se torna a escolha do caminho que se deve seguir para iniciar o jogo. Ou seja, o fio delineador que faz o contorno das regras para montar o jogo dos desafios colocados no atual contexto, se rompem em meio a tantos ensaios conceituais que se integram e constituem a forma estrutural do universo real da palavra no seu mais intenso sentido de ser. Será isso uma dialética do conhecimento?

Aí então, o que fazer? Seria possível dez - construir todas as teorias impostas no universo de cada palavra? Ou iniciar o jogo colocando em cheque o conjunto de argumentos sustentados pela epistemologia do conhecimento? ou nesse vai e vem do trem, poderíamos deixar tudo por conta da chamada hermenêutica?

Recordando as sábias palavras de um grande companheiro, de origem extrativista, seringueiro, o Zé Maria¹, dizia ele reafirmando os ditos populares: *“quem não pode com o pote, não segura na rodilha...”* ou então, *“Nunca deixe de apreciar as pequenas coisa que estão a sua volta”*.

Na realidade, como estamos falando de um “jogo de desafios”, é imprescindível que este, seja recheado de indagações ou de questionamentos. O fato é que cada uma pode gerar outras tantas indagações ou provocações, mas nem por isso, o torna impossível de ser jogado, ao contrário, a primeira perspectiva colocada aqui, ou identificada é que esse jogo é muito desafiador, por isso, torna-se mais interessante.

No entanto, é preciso compreender que nem sempre as regras estabelecidas ou os caminhos definidos, são os que necessariamente deverão ser seguidos.

¹ Liderança comunitária do Movimento dos Extrativistas, ex-presidente da Organização dos Seringueiros de Rondônia -OSR.

Portanto, ao lembrar das palavras sábias do Zé, talvez e de fato sozinha, não consiga carregar o pote, mas ao considerar as “pequenas coisa” no universo do saber coletivo e da vida em constante acenos para as descobertas, num movimento sinérgico, possamos colaborar com a construção de novas veias do conhecimento que nos anime, ou nos leve, se não a responder as nossas indagações, mas sobretudo, a compreende-las de tal maneira que seja possível transformar, construir e produzir novos conhecimentos nesse tão famigerado contexto de conflitos e contradições.

Ao iniciar essa jogada, fiz-me compreender que nenhuma das questões ou das indagações colocadas a cima seria especificamente a trilha por onde seguiria para explorar o meu objeto de análise, ou melhor dizendo, por onde iniciaria o diálogo entre as palavras e as indagações aqui destacadas e, sim todas elas formarão um conjunto de situações pela qual permanecerão vivas, merecendo retornar a elas sempre que for necessário.

Por outro lado, diria, que nesse “jogo de desafios” que envolve esses temas geradores e tão complexos, não importa por onde começar, mas sobretudo, devemos nos remeter a lógica que opera cada um num determinado contexto, numa determinada sociedade.

Assim, ao retomar a discussão inicial, invoquei três conceitos inerentes ao tema abordado que seria de grande importância para trabalhar inicialmente, sendo eles: “desenvolvimento”, “modernidade e populações tradicionais”. Tudo isso, para ter mais claro a lógica que opera no universo das relações entre população, desenvolvimento e qualidade de vida e os desafios colocados na sociedade amazônica para enfrentar as façanhas, os encantos e desencantos da modernidade no encaço do desenvolvimento.

Esclarecendo que, tal iniciativa, de tímida abordagem será *a priori* para compor um ensaio sobre as Populações Tradicionais e as questões inerentes ao desenvolvimento, devendo portanto, reconhecer que o recorte tratado como objeto de estudo neste artigo, será construído também numa conformação das experiências apreendidas nas relações sociais compartilhadas com as populações extrativistas e indígenas na época que atuei no Fórum das ONGS de Rondônia(1999 a 2001), como secretária executiva, na qual me orgulho da oportunidade que me foi concedida, pois, pude vivenciar e experimentar um pouco do cotidiano que abrigava o cenário de vida dessas populações.

Desembrulhando os conceitos de Desenvolvimento X Desenvolvimento Sustentável X Modernidade X Populações Tradicionais

Inicialmente, quando se falava em desenvolvimento, logo se fazia relação com algo positivo, coisas muito boas que aconteceria na vida dos habitantes de um determinado lugar, de uma determinada cidade ou região. Também, fazíamos referência ao crescimento econômico correspondente ao progresso, que enfim, estava chegando para nós Brasileiros, nós povo Amazônidas, nós Rondoniense.

De certo modo, foi e tem sido essa “*ilusão de mundo desenvolvido*” que ainda reside no imaginário do povo amazônico, não somente pelas nossas características regionais ou culturais, mas principalmente porque a todo momento nossas vidas são invadidas pelos variados sistemas de informações que sustentam essa idéia de desenvolvimento e progresso.

E nesse movimento dinâmico, obviamente, Rondônia é uma boa peça de estudo tanto para a abordagem do conceito de “desenvolvimento”, como para os dilemas das contradições que marcam a sua história e o seu desenvolvimento em épocas e contextos diferentes. Não só por está na Amazônia, mas sobremaneira, por ter sido um dos poucos Estados na região, que mais sofreu com as receitas de desenvolvimento implantada pelos Governos Federal e Estadual nas últimas décadas.

Rondônia, me parece ser então, um caso típico, que permite qualquer um realizar estudos sobre conceitos de desenvolvimento. Pois, nele a meu ver, está estruturado os princípios básicos de desenvolvimento sob a ótica relacional do progresso e do crescimento econômico.

Passaram-se os anos, mas precisamente na década de 80/90 e voltamos a falar novamente de desenvolvimento, agora, agregando ao termo não só uma nova terminologia, mas principalmente a introdução de novos conceitos que pudessem atender ou conformar uma nova realidade que se colocava diante das dimensões e da lógica de mercado e das demandas sociais e ambientais expressivas e fecundas no chamado processo de “Desenvolvimento Sustentável”.

Assim, nos últimos anos, os debates sobre as relações entre meio ambiente, qualidade de vida e desenvolvimento resultaram no surgimento do conceito de *Desenvolvimento Sustentável*. De acordo com o Relatório Brundtland, “*em seu*

sentido mais amplo, a estratégia de Desenvolvimento Sustentável visa promover a harmonia entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza” (Brundtland 1998).

Em termos gerais, o conceito de Desenvolvimento Sustentável *“exige que o crescimento econômico seja orientado pelas necessidades das populações humanas, especialmente as mais pobres, sem prejudicar a capacidade de auto renovação da natureza.” (MILLIKAN, 1997.)*

Na busca pela aproximação dos conceitos e das realidades, *“Desenvolvimento Sustentável tem como objetivo básico assegurar condições dignas de vida para as gerações atuais, combatendo desigualdades sócio - econômicas existentes e respeitando a diversidade cultural, baseado em padrões de produção e consumo que mantêm os estoques de recursos naturais e a qualidade ambiental, de forma a permitir que gerações futuras possam ter um padrão de qualidade de vida igual ou superior à nossa.” (BRUNDTLAND, 1998)*

Numa rápida composição de conceitos sobre Desenvolvimento Sustentável, vale ressaltar, algumas características inovadoras, uma delas é a visão *“holística”* que o conceito trás na medida que integra simultaneamente preocupações sociais, econômicas, ambientais e culturais, além do combate à pobreza, como meta estabelecida para o enfrentamento das desigualdades sociais.

Uma outra teoria que desponta no universo acadêmico sobre Desenvolvimento e Sustentabilidade é a teoria do eco- desenvolvimento que vem sendo trabalhada por Ignacy Sachs.

De acordo com Sachs², *“a conservação da biodiversidade é condição necessária do desenvolvimento sustentável... e, reciprocamente, o eco desenvolvimento professa um caminho apropriado de conservação da biodiversidade, provavelmente o mais apropriado, ao assumir a harmonização dos objetivos sociais e ecológicos”.*

Ainda, segundo Sachs o termo sustentabilidade muitas das vezes é utilizado para expressar somente a sustentabilidade ambiental, no entanto, este conceito tem diversas dimensões, no sentido amplo da questão, quando afirma que *“a sustentabilidade social vem na frente, por se destacar como a própria finalidade do*

² Sachs. Ignacy, Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável, Garamund, 2000.

desenvolvimento, sem contar com a probabilidade de que um colapso social ocorra antes da catástrofe ambiental.”

Como nossa intenção é de estabelecer apenas os conceitos básicos de Desenvolvimento Sustentável que vem orientando as políticas de desenvolvimento para a Amazônia e para o mundo, cabe por fim, afirmar que o debate a cerca desse conceito, a nosso ver, está em processo de construção, e que portanto ainda será alvo de muitos conflitos teóricos.

Outros dois temas que exigem uma absorção teórica na dimensão que trata as questões inerentes ao desenvolvimento e seus impactos na sociedade contemporânea é a abordagem dos conceitos de “Modernidade e Populações Tradicionais”. Esse último, inclusive acolhe muitas preocupações ou indagações que se mantêm numa linha tênue, quando a discussão revolve a fronteira das inovações tecnológicas em relação ao homem e a mulher da floresta.

O que podemos construir ou desconstruir dessa relação complexa e intensa entre as culturas tradicionais e a modernidade? Primeiramente, ao se tratar de Populações Tradicionais pelo menos na Amazônia, é importante perceber que estamos tratando de um vasto universo constituído por uma diversidade cultural e ambiental, de vários povos, de costumes variados e com várias formas de viver na Amazônia.

Mas o debate sobre essas populações, é marcado principalmente pelo seu modo de vida, nesse sentido procuramos fazer um destaque sobre a cultura amazônica, trabalhado por Loureiro.

De acordo com Loureiro³ “a cultura amazônica” é analisada, sob a ótica da esteticidade dominante, sendo entendida como “*função essencial ao homem, vetor de identidade numa sociedade dispersa*”. Mais adiante Loureiro destaca que a “cultura amazônica tem sua origem e está influenciada pela cultura do caboclo...” (1995:30).

Esse breve enfoque sobre Culturas Amazônicas, corresponde e pode ajudar na construção do conceito sobre Populações Tradicionais, que segundo o Professor Dr. Josué da C. Silva e Theófilo A. de S. Filho, no **livro “Nos Banzeiros dos Rios”**, a atribuição ao sentido do termo populações tradicionais, se da:

³ Loureiro, João de Jesus Paes, Cultura Amazônica: uma poética do imaginário, Belém: Cejup, 1995.

“levando em consideração o modo de vida, as formas de produção, as técnicas artesanais utilizadas em sua estratégia de sobrevivência. Assim, no conjunto de populações tradicionais, temos o pequeno produtor agrícola que utiliza a mão-de-obra familiar, pescadores que utilizam artefatos artesanais, coletores de produtos da mata como os seringueiros, os coletores de açaí, abacaba, patoá, castanha-do-brasil, ervas medicinais, óleos; os mateiros, as populações indígenas, os que organizam seu modo de vida, segundo os movimentos das cheias e vazantes do rio como os ribeirinhos que vivem às margens dos igarapés, paranas, rios. Cada uma dessas categorias possui sua própria forma de se organizar e produzir o espaço”.

Assim, nesse universo complexo que introduz uma relação entre homem e natureza, envolvendo mitos, valores, culturas e religiões, os apontamentos sobre as contradições e os dilemas entre populações tradicionais, modernidade e desenvolvimento aparecem na própria estruturação de cada conceito. Embora há quem diga que o conceito de modernidade está ainda em construção, como veremos mais adiante.

Na verdade, o conceito de modernidade está em plena elaboração. Para Antony Giddens (As conseqüências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991):
Modernidade

refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”.

De acordo o Professor Cristovão Buarque⁴, ele diz que o termo moderno, antes de definir características tecnológica, socioeconômica e cultural dos tempos atuais, tem um significado mais antigo, como predicado de tempo. Origina-se etimologicamente do latim *hodiernus*, que significa “recente, dos nossos dias, atual...” Nesse sentido, as sociedades estariam condenadas a caminhar, cronologicamente, para a modernidade, tanto quanto para o futuro. Algumas podem fazer este caminho cronológico sem grandes ou mesmo sem nenhuma transformação.

Outra abordagem sobre modernidade, segundo Spósito, que no livro (A vida nas Cidades. São Paulo: Contexto, 1994,p.67), apresenta uma conceituação

⁴ BUARQUE, C. O Colapso da Modernidade Brasileira e uma proposta alternativa, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

extraída da Obra de Marshall Berman (Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.):

“ A modernidade é um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje (...). A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras, geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e de ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.”

Ainda nessa odisséia teórica sobre modernidade, Santos, apresenta a teoria crítica de (HORKHEIMER, 1976; HABERMAS, 1987 E 1992; GEUSS, 1988; GIDDENS, 1991) sobre a modernidade, onde aponta *“para o fato de que a modernidade se pauta por uma lógica subjetivista, que através do modo capitalista de produção implementa formas privatistas de acesso aos recursos redundando em um processo de exclusão social.”*

Para Giddens, temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de sua descontinuidade em relação às culturas tradicionais..., e segue dizendo que:

“O dinamismo da modernidade deriva da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o zoneamento tempo-espacial preciso da vida social; do desencaixe dos sistemas sociais (um fenômeno intimamente vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espço); e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos” (Giddens, *ibid.*)

A complexidade do que se constata sobre a modernidade, são principalmente os impasses que ela nos colocou por conta da lógica instrumental que é imperativa dentro do projeto de modernidade estabelecido para as sociedades, como um modelo único de desenvolvimento, desconsiderando outras realidades e a diversidade cultural.

Nessa composição teórica, talvez se consiga diminuir o campo das inquietações, entretanto, tem sido essa lógica instrumental que despreza as relações sociais na sua forma mais intensa de ser e descaracteriza todo e qualquer tipo ou

modo de vida diferente, que não esteja “enquadrado” dentro do projeto de modernidade estabelecido na sociedade.

Dessa forma, em que pese a inclusão de novos paradigmas no campo das ciências para análises e estudos sobre “sustentabilidade e desenvolvimento”, os rumos da Amazônia e de suas comunidades: povos indígenas, ribeirinhos, seringueiros, pescadores, populações negras, agricultores, homens, mulheres, crianças, jovens e adolescentes continuam sendo compartilhados por um futuro incerto, ou melhor, pelas incertezas de um “progresso” que assume imagens de exclusão e expropriação da diversidade da vida na floresta, nos campos e nas cidades. Pois na vitrine da modernidade as manchas das contradições entre desenvolvimento, meio ambiente e população se chocam perante a natureza e a cultura de um povo, quando a realidade de vida é marcada e refletida pela sombra da arquitetura do “progresso” que desmonta os modos, os hábitos, a vida, a história e os sonhos daqueles que ainda sobrevivem das raízes e dos maneirismo amazônicos.

Bibliografia

- BURSZTYN, M. (org). *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*, São Paulo, 1993. Ed. Brasiliense, 161p.
- BRUNDTLAND. *Nosso Futuro Comum*, Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1988.
- Cadernos Adenauer: *Pobreza e Política Social*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.
- CARDOSO, Fernando Henrique, MÜLLER, Geraldo. *AMAZÔNIA: Expansão do Capitalismo*. 1ª ed: 1977: Editora Brasiliense, São Paulo, 1978.
- GIDDENS, Antony. *As Conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*. Belém: CEJUP. 1995, São Paulo: Ed. Escrituras Editora, 2001.
- MILLIKAN, B. *Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável em Rondônia: Situação atual e Abordagem para um Planejamento Participativo de Estratégias para o Estado*. SEPLAN, PNUD/PLANAFLORO, Porto Velho:1997.
- SILVA, J. da Costa, FIGUEIREDO, E. F. Gomes, SOUZA, L. Feitosa, Souza, M. Paes, PEREIRA, W. S. Batista. (Org.) *Nos BANZEIROS do Rio: Ação Interdisciplinar em busca da sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia*. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2002.
- PORTELLA, Eduardo. Dilemas e desafios da modernidade. *Estudos Avançados* 14 (40).2000.

KURZ, Robert. *O Colapso da modernização: Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SANTOS, C. Modernidade: o Incluir e o excluir. Geografias: Discurso Moderno e/ou Além/ In: *Cadernos de Criação*, Porto Velho: UFRO, ano VI.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade Amazônica: Estudo do homem nos trópicos*: Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.1998. 448p.